

O inferno da Rocinha

Retrato da tragédia carioca, na favela da Rocinha, amontoam-se 300 mil moradores, em 14 mil barracos e apenas 1 quilômetro quadrado. É, segundo um relatório da Organização das Nações Unidas, um dos lugares mais violentos do mundo. Subimos o morro para conferir.

Texto e fotos de JOSÉ MANUEL SIMÕES



A ordem social, as leis do Estado e do Governo não entram neste inferno. A maior favela da América Latina é habitada por uma população humilde e carente que se deixa «alimentar» pela maior quadrilha de tráfico de drogas do Rio de Janeiro. Todas as pessoas do morro conhecem os «ministros» do tráfico. No entanto, o Governo do Estado parece ignorá-los, ignorando também esta população pobre e desamparada, que se vê privada de qualquer apoio que não seja o dos marginais.



O cheiro é nauseabundo. Os esgotos correm a céu aberto. As ruas, estreitíssimas, são quase todas de terra batida. Os barracos são feitos de madeira velha. Toda a família dorme no chão, em cima de papelões repletos de moscas.



Entretanto, o crime aumenta em grandes proporções. Beto «Playboy» é considerado o «donos» da favela. Expulsa ou mata os outros bandidos e até ajuda os mais necessitados. Em troca, a população admira-o e esconde-o da Polícia. É comum, quando um dos elementos do «bando» é preso, a população cercar a delegacia e exigir que os policiais o soltem. Quando isso não acontece, acabam por fugir, depois de subornarem os guardas ou serrarem as grades das prisões.

Se não é assim quando ferem ou matam um polícia, ou provo-

cam a ira da população (sobretudo quando estupraram alguma criança). Aí, acabam por ser executados pelos Esquadrões da Morte, que são constituídos por policiais, vigilantes ou guardas nocturnos e comerciantes que já foram repetidamente assaltados.

O maior traficante da Rocinha, Beto «Playboy», tem sobre o seu domínio 80 adolescentes que controlam 6 pontos de venda de drogas, armados de metralhadoras e granadas. Insatisfeito com os constantes roubos praticados por outros favelados, o que levava a Polícia a procurá-los no morro, resolveu pôr cobro à situação. Primeiro, mandou avisar que não toleraria mais furtos nas proximidades da Rocinha. Como isso não resultou, começou a assassinar os ladrões com o pretexto de que, com a Polícia a rondar a favela, o comércio de drogas estava a cair. Curioso é que ninguém se manifesta contra isso. Como sempre, vigora a lei do silêncio, segundo a qual aqueles que cometam um crime morrem também.